

Portuguese Version

Olá! Eu sou a Raquel, também conhecida entre os humanos por bolacha maria. Não, Raquel, não é o segundo nome, simplesmente nem todas as bolachas maria se chamam Maria. Eis algo que me irrita nos humanos. Inserem-nos, a todas dentro do mesmo saco, como se cada uma não tivesse a sua própria individualidade. Os humanos, também não se chamam todos Pedro ou são todos criminosos, pois não? Então, talvez seja um assunto importante a refletir da parte deles. Bem, mas passando ao que interessa. Decidi contar a história da minha vida, porque a história comercial das bolachas maria já toda a gente sabe. Porém, hoje vão ouvir uma história diferente, emocionante, realista e talvez um pouco dramática, mas prometo que vai valer a pena. Nasci a 14 de maio de 2021, e quando digo nasci, quero dizer o dia em que fui embalada, junto com as minhas companheiras de pacote, pelo senhor simpático da fábrica responsável por embalar bolachas maria. Estávamos todas excitadas pela nova fase que se aproximava nas nossas vidas, ou melhor, não era apenas a nova fase, era a GRANDE fase porque creio que já saibam o processo mas somos fornecidas pela nossa fábrica, a uma vantajosa rede de supermercados, de forma a prosseguirmos posteriormente para a casa dos futuros responsáveis, até....Bem, vocês sabem, aquilo que esperamos e ansiamos a vida inteira. A realidade é que fomos feitas para isso, isto é, ser comidas por alguém e se isso não acontece? A nossa vida deixa de ter sentido. Tudo correu como esperado. Fomos para o supermercado, que foi a nossa casa por 2 semanas. Até ao dia em que fomos compradas por uma senhora muito simpática, chamada Cristina. A senhora Cristina, tinha dois filhos, que eram uns diabretes e só faziam asneiras. A pobre, passava o dia a chamar a atenção deles. “Gustavo, não faças isso!”, “Martim, não batas no teu irmão!”. Até nós, enfiadas num armário, éramos capazes de ouvir tudo, portanto imaginem, a altura vocal em que era dito. A senhora Cristina, tinha também um marido cujo nome era Bernardo, mas infelizmente não tivemos a sorte de o ouvir muito, porque estava sempre no trabalho. Certo dia, o esperado dia, a humana responsável por nós, abre a porta do armário onde estávamos guardadas e tira o nosso pacote para cima da mesa. Imaginem a histeria que foi! O que será que ia acontecer? Seria para um lanche? Seria para um bolo? A ansiedade e o entusiasmo tomou conta de nós. Após abrir o pacote, retira para fora 6 bolachas. Eu era a 8ª do pacote. Ai, foi por pouco pensei eu! Mas prossegui, disse adeus às minhas companheiras de pacote, Ana, Carolina, Inês, Joana, Mafalda e Teresa e felicitei-as pela conquista. E para quem se está a perguntar, foi apenas para um lanche. Passaram duas semanas desde esse dia, duas longas semanas para mim e para as minhas companheiras. Mas chegou o dia em que a senhora Cristina decide usufruir novamente de nós. E a ansiedade e o entusiasmo de sempre voltam. Desta vez, retira aos poucos, uma por uma bolachas do pacote. E o pensamento de “será que nos vai usar a todas?” vem. Eis que chega a minha vez. Ai que emoção! Toda a minha vida por este momento... Até que... sem querer, me deixa cair no chão e instantaneamente parto-me toda. Em pedaços pequenos. Não imaginam o que foi para mim. Tudo aquilo que uma bolacha, mais tem medo é, de cair no chão porque simplesmente não tem volta atrás e é desperdiçada toda uma vida, para nada. Foi de partir o coração, simplesmente.

Pior do que não ser comida, é o humano querer comer-nos ou utilizar-nos para alguma coisa, (que no caso era um bolo de bolacha, ainda por cima!) e acontecer algo completamente fora da “linha reta” que o impede de realizar esse ato, tão importante na vida de uma bolacha. Esse ato, que define na nossa visão, como bolachas, se somos úteis ou não. E quando imprevistos, como deixar-nos cair ao chão, acontecem é a maior e pior sensação de inutilidade que alguma vez experienciei. E esta, foi a história da minha vida. A história da vida de Raquel, a bolacha maria.

English Version

Hi! I'm Raquel, also known among humans as Maria Cookie ('bolacha Maria' famous in Portugal). No, Raquel, it's not the second name, simply not all Maria cookies are called Maria. Here's something that pisses me off about humans. They put us all in the same bag, as if each one didn't have its own individuality. Humans, aren't they all called Peter either, or are they all criminals, right? So maybe it's an important matter to reflect on their part. Okay, but moving on to what matters. I decided to tell the story of my life, because everyone already knows the commercial history of Maria biscuits. However, today you will hear a different story, exciting, realistic and maybe a little dramatic, but I promise it will be worth it. I was born on May 14th, 2021, and when I say born, I mean the day I was packed, along with my packmates, by the friendly gentleman at the factory responsible for packing Maria biscuits. We were all excited about the new phase that was approaching in our lives, or rather, it wasn't just the new phase, it was the BIG phase because I think you already know the process but we are supplied by our factory, to an advantageous supermarket chain, of so that we can move on to the home of future guardians, until... Well, you know, what we want and want all our lives. The reality is that we were made for this, that is, to be eaten by someone and if it doesn't happen? Our life is meaningless. Everything went as expected. We went to the supermarket, which was our home for 2 weeks. Until the day we were bought by a very nice lady called Cristina. Dona Cristina, had two children, who were little devils and only did stupid things. The poor thing spent the day trying to get their attention. "Gustavo, don't do that!", "Martim, don't hit your brother!". Even us, cloistered in a closet, could hear everything, imagine the tone of voice in which it was said. Dona Cristina also had a husband named Bernardo, but unfortunately we weren't lucky enough to hear much about him as he was always working. One day, the expected day, the human responsible for us, opens the door of the closet where we were kept and takes our package to the table. Imagine the hysteria that was! What would happen? Was it for a snack? Was it for a cake? Anxiety and enthusiasm took over us. After opening the package, take out 6 cookies. I was 8th in the pack. Oh, that was close, I thought! But I continued, I said goodbye to my packmates, Ana, Carolina, Inês, Joana, Mafalda and Teresa and congratulated them on the feat. And for anyone wondering, it was just for a snack. Two weeks have passed since that day, two long weeks for me and my companions. But the day came when Dona Cristina decided to take advantage of us again. And the usual anxiety and enthusiasm returns. This time slowly remove the cookies from the wrapper one by one. And the thought of "Is this going to use us

all?" he comes. Here comes my turn. Oh what a thrill! All my life for this moment... Until...unintentionally, he throws me to the ground and instantly breaks away. In small pieces. You can't imagine what it was like for me. All a cookie fears most is falling to the ground because there is simply no turning back and a lifetime is wasted for nothing. It was heartbreaking. Worse than not being eaten, is the human wanting to eat us or use us for something (which in this case was a biscuit cake, to top it off!) and something happens completely outside the "straight line" that prevents him from doing so. to perform this act, so important in the life of a cookie. This act, which defines in our view, like cookies, whether we are useful or not. And when unforeseen events, like dropping us to the ground, happen, it's the biggest and worst feeling of uselessness I've ever experienced. And this was the story of my life. The life story of Raquel, Maria biscuit.